

Ritual indígena inspira a dança butô



Cena de 'O Olho do Tamanduá', que será apresentado no mês que vem no Sesc Pompéia: ritos resgatados na essência e apresentados em seqüências de imagens corporais interligadas com jogo de luz

Fotos de Felícia Ogawa

Com concepção coreográfica e direção de Takao Kusuno, 'O Olho do Tamanduá' celebra as relações Brasil-Japão por meio do casamento artístico entre a placidez do butô e os cerimoniais da tribo xavante

FELÍCIA MEGUMI OGAWA
 Especial para o Estado

Uma das melhores atrações entre as inúmeras comemorações oficiais do centenário do Tratado de Amizade Brasil-Japão está incluída no 5º Festival Internacional de Artes Cênicas, em São Paulo. O espetáculo *O Olho do Tamanduá*, de Takao Kusuno, vai ser apresentado no Teatro Sesc Pompéia nos dias 27, 28 e 29 de outubro. Em dezembro, a mesma obra participa da Semana de Dança do Centro Cultural São Paulo.

Takao Kusuno, artista plástico e cênico japonês, radicado no Brasil, participou ativamente dos movimentos de vanguarda artística no Japão, entre eles o butô. No Brasil, introduziu o conceito de butô na arte da dança. Vem trabalhando com dançarinos brasileiros, buscando criar uma linguagem peculiar e essencial. No aspecto formal, integra elementos das artes plásticas e das artes cênicas. Com os dançarinos-atores, procura revalorizar e transformar as manifestações



PASSOS SE BASEIAM EM MOVIMENTOS DE ROTINA

e sonoras, interligados em clima de cerimonial. Esse caminho levou ao contato direto com o povo xavante, que celebra este ano a formatura do adolescente para o mundo após cinco anos de permanência na casa de solteiro. Uma das danças-rito é o "wanaridobe", em que padrinhos e madrinhas dos adolescentes, pintados, mimetizando vários animais, vão girando com as mãos dadas, pisando forte na terra e emitindo sons corporais. Começam à meia-noite e continuam até as 7 horas da manhã, ininterruptamente. É a dança da resistência e da superação.

Se no butô os elementos da dança, ainda segundo Hijikata, são angústia, esgotamento e morte, elementos não-dramatizados da dança, mas que apenas estão aí (não é algo para o dançarino expressar, mas que o corpo mostra), assim também o são no ritual, que nasce pela vida em si e é impossível aprender pela técnica. Tem-se a felicidade de sentir o "belo" por meio dessa dança-rito. O erotismo que emerge do corpo que se doou ao máximo é

um dos aspectos da poesia. Corporalmente, a linguagem butô sempre buscou como o essencial a força dos pés e do quadril, partes que mantêm contato direto com a terra, sustentáculos e receptáculos da vida. A nossa civilização vem paulatinamente esquecendo do próprio corpo da cintura para baixo. Tal fato pode ser observado na linguagem da televisão, do cinema e até mesmo no teatro, cujo apelo dramático está ultimamente muito dependente da fala.

No ritual dos índios, é possível sentir uma veracidade ligada com a natureza: o ritual nascido das necessidades do dia-a-dia. Nesse sentido, *O Olho do Tamanduá* procura resgatar o olhar sobre coisas mínimas da rotina, buscando a ritualização dos movimentos corporais

de identidade corporal e arquetípicas e do universo sensorial, buscando proximidade com as raízes primordiais, um dos pontos básicos do butô. A propósito, fala-se, por exemplo, da atitude artística de Tatum Hijikata, fundador dessa linguagem juntamente com Kazuo Ohno, que "a visão artística de Hijikata nos apresenta duas alternativas: são povos pré-históricos, anteriores aos benefícios da civilização, ou são pessoas pós-atômicas que a bomba devolveu ao estado primitivo".

Formatura — *O Olho do Tamanduá* busca, assim, a partir da observação do universo dos índios brasileiros, o resgate da essência dos ritos para serem recriados e apresentados cenicamente em seqüências de imagens corporais